



APAMVET DIVULGA

NAPOLEÕES

Jornal: **O Estado de São Paulo**
Caderno 2 / página C8
10/09/2017

Crônica de *Luis Fernando Verissimo*



Napoleão Bonaparte era um escritor frustrado. Tinha escrito contos e poemas na juventude, escreveu muito sobre política e estratégia militar e sonhava em escrever um grande romance. Acreditava-se, mesmo, que Napoleão considerava a literatura sua verdadeira vocação, e que fora a sua incapacidade de escrever um grande romance e conquistar uma reputação literária que o levava a escolher uma alternativa menor, conquistar o mundo.

Estive pensando no que isso significa para os escritores de hoje e daqui. Em primeiro lugar, deve levá-los a pensar na enorme importância que tinha a literatura nos séculos 18 e 19, e não apenas na França, onde, anos depois de **Napoleão Bonaparte**, um **Vitor Hugo** empolgaria multidões e fazia História não com batalhões e canhões, mas com a força da palavra escrita, e não em conclamações e discursos, mas, muitas vezes, na forma de ficção.

Não sei se devemos invejar uma época em que reputações literárias e reputações guerreiras se equivaliam dessa maneira, e em que até a imaginação tinha tanto poder. Mas acho que podemos invejar, pelo menos um pouco, o que a literatura tinha então e parece ter perdido: relevância. Se **Napoleão** pensava que podia ser tão relevante escrevendo romances quanto comandando exércitos, e se um **Vitor Hugo** podia morrer como um dos homens mais relevantes do seu tempo sem nunca ter trocado a palavra e a imaginação por armas, então uma pergunta que nenhum escritor daquele tempo se fazia é essa que hoje fazem o tempo todo: para o

que serve a literatura, de que adiantam as palavras, onde está a nossa relevância?

Depois que a literatura deixou de ser uma opção tão respeitável e vigorosa para um homem de ação quanto a conquista militar ou política – ou seja, depois que virou uma opção para generais e políticos aposentados, mais um consolo para a perda de poder do que poder – ela nunca mais recuperou o seu pé de igualdade. Ou, digamos assim, sua respeitabilidade, na medida em que qualquer poder, por armas ou por palavras, pode ser respeitável. Hoje, a literatura só participa da política, do poder e da História como subalterna e como instrumento. Ou como cúmplice.

Acho que todos nós que escrevemos no Brasil, principalmente os que têm um espaço na imprensa para fazer sua pequena literatura ou simplesmente dar seus palpites, temos essa preocupação. Nunca sabemos exatamente do que estamos sendo cúmplices. Podemos estar servindo de instrumentos de alguma agenda de poder sem saber, podemos estar contribuindo, com nossa indignação ou nossa gozação, para legitimar alguma estratégia secreta, sem querer. Ou podemos simplesmente estar colaborando com a grande desconversa nacional, a que distrai a atenção enquanto a verdadeira história do País acontece em outra parte, longe dos nossos olhos e indiferente à nossa crítica. Não somos relevantes, ou só somos relevantes quando somos cúmplices, conscientes ou inconscientes.

Mas comecei falando da frustração literária de **Napoleão Bonaparte** e não toquei nas implicações mais importantes do fato, pelo menos para o nosso amor-próprio. Se **Napoleão** só foi Napoleão porque não conseguiu ser escritor, então temos esta justificativa pronta para o nosso estranho ofício: cada escritor a mais no mundo corresponde a um Napoleão a menos. A literatura serve, ao menos, para isso: poupar o mundo de mais Napoleões. Mas existe a contrapartida: muitos Napoleões soltos pelo mundo, hoje, fariam melhor se tivessem escrito os romances que queriam. O mundo, e certamente o Brasil, seria outro se alguns Napoleões tivessem ficado com a literatura e esquecido o poder. **Não me peçam para citar nomes.**

Luis Fernando Verissimo, nascido em Porto Alegre/RS – 26/09/1936: é jornalista, escritor, humorista, cartunista, tradutor, roteirista de televisão, autor de peças de teatro e romancista. Já foi publicitário e revisor de jornal, sendo, ainda músico, tendo tocado saxofone em alguns conjuntos. Desde 1989, escreve uma crônica dominical para o jornal **O Estado de S. Paulo**, para a qual criou o grupo de personagens da Família Brasil. No mesmo ano, estreou no Rio de Janeiro seu primeiro texto escrito especialmente para teatro, "*Brasileiras e Brasileiros*".



- Em 1989, recebeu o **Prêmio Direitos Humanos da OAB**;
- Em 1995, intelectuais brasileiros convidados pelo caderno "**Ideias**" do **Jornal do Brasil** elegeram **Luis Fernando Verissimo** o **Homem de Ideias do ano**. A esta seguiram-se outras homenagens:
- Em 1996, recebeu a "**Medalha de Resistência Chico Mendes**" da ONG **Tortura Nunca Mais**;
- Em 1996, "**Medalha do Mérito Pedro Ernesto**" da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro e;
- Em 1996, "**Prêmio Formador de Opinião**" da Associação Brasileira de Empresas de Relações Públicas;
- Em 1996, o "**Prêmio Juca Pato**", da **União Brasileira de Escritores**;
- Em 1997, o **Intelectual do ano**;
- Em 1999, recebeu o **Prêmio Multicultural Estadão**;
- Em 2003, destacado numa reportagem capa da **Revista Veja** como "**o escritor que mais vende livros no Brasil**".
- Em 2003, a versão em inglês de "**Clube dos Anjos**" ("**The Club Of Angels**") é escolhida pela **New York Public Library** como um dos 25 melhores livros do ano;
- Em 2004, na **França**, recebeu o **Prix Deux Océans** do **Festival de Culturas Latinas** de **Biarritz**;
- Em 2014 a **escola de samba** de Porto Alegre/RS - **Imperadores do Samba**, em seu enredo faz a justa homenagem aos personagens de **Luis Fernando Verissimo**.

NB:Itens em outras cores abrem novas informações!